



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



### Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL

*Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GPLin*

#### **Variação Linguística: um estudo da nomenclatura popular de doenças no Nordeste**

*Brenda Vitória Lima Rodrigues<sup>1</sup>*

*Celso Ferrarezi Junior<sup>2</sup>*

**Resumo:** As variações linguísticas fazem parte do cotidiano e faz com que todo profissional que trabalhe com a comunidade deva estar inteirado das particularidades do falar regional, especialmente quando se trata da área da saúde. Assim, frente às necessidades de uma comunicação mais eficiente entre os médicos e os pacientes, a presente pesquisa objetiva realizar um estudo da variação linguística e da linguagem regional na nomenclatura de doenças no Nordeste brasileiro, analisando termos e expressões populares adotados para nomear determinadas doenças. Desse modo, foi possível perceber que os termos populares das doenças são difundidos especialmente pela sua analogia aos sintomas e sinais físicos da doença. Recomenda-se que esses vocabulários e ditos populares sejam incluídos nos sistemas de informações das unidades de saúde para que a comunicação seja mais eficaz.

**Palavras-Chave:** 1. Expressões. 2. Falar regional. 3. Saúde.

**Abstract:** Linguistic variations are part of everyday life. Thus, every professional who works with the community must be aware of the particularities of regional speech, especially when it comes to the health area. Thus, given the needs for more efficient communication between doctors and patients, the present research aims to carry out a study of linguistic variation and regional language in the nomenclature of diseases in the Brazilian Northeast, analyzing popular terms and expressions adopted to name certain diseases. In this way, it was possible to notice that popular disease terms are spread especially due to their analogy to the symptoms and physical signs of the disease. It is recommended that these vocabularies and popular sayings be included in the information systems of health units so that communication is more effective.

**Keywords:** 1. Expressions. 2. Regional speech. 3. Health.

## **1 Introdução**

A linguagem representa o mais importante conjunto de características culturais de um povo e são as marcas na fala um dos aspectos mais importantes da identidade cultural de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras

<sup>2</sup> Orientador. Professor Titular do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UNIFAL-MG. Líder do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GP-Lin



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



uma comunidade. Assim, as variações linguísticas, incluídos os regionalismos, são fenômenos marcados por fatores sociais, históricos, geográficos, estilísticos e avaliativos (Sousa; Lima, 2019), os quais se apresentam como as particularidades identitárias de determinada região, sendo a existência de um vocabulário próprio uma das principais formas de sua expressão.

São inúmeras as variedades existentes na fala do brasileiro e é nesses aspectos variacionais que se percebe a identidade linguística e cultural de cada indivíduo e, de forma geral, da comunidade. Desse modo, o estudo dessas variações é fundamental para se conhecer a riqueza cultural de um povo e, ademais, serve também para evitar o preconceito linguístico vivenciado em certas situações.

Entendendo que as variações linguísticas fazem parte do cotidiano, todo profissional que lida diariamente com pessoas de uma comunidade precisa estar inteirado das peculiaridades do falar regional. Por exemplo – e especificamente falando do tema do presente artigo, um profissional da área da saúde, para ter êxito em seus atendimentos e para além dos conhecimentos técnicos da sua profissão, deve também conhecer os termos adotados pela população para referir-se às doenças ocorrentes na região e aos seus sintomas. Por exemplo, um médico paulista que atue no interior do Nordeste, precisa saber do que está falando a mãe quando diz que seu filho está tendo uma *pilora*, termo que não ocorre em São Paulo nem é usado nas faculdades de Medicina brasileiras, até onde sabemos, totalmente alheias a questões como esta.

Com essa questão em foco, a presente pesquisa objetiva realizar um estudo da variação linguística e da linguagem regional na nomenclatura de doenças no Nordeste brasileiro, analisando termos e expressões populares adotados para nomear determinadas doenças. Para tanto, o artigo encontra-se dividido em seções que irão orientar o entendimento do tema.

Inicialmente, tem-se os aspectos relacionados à variação linguística e à linguagem regional, em que se discute como ocorre e quais são as principais variações e como elas colaboram para a criação de vocabulários regionais, havendo a divisão em dois subtópicos. O primeiro subtópico trata do processo de nomeação, em que será explicada a forma como as atribuições de nomes diferenciados nas diversas comunidades se associa às diferentes maneiras de enxergar o mundo e aos costumes culturais da região. O segundo, tratará da explicação dos



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



nomes das doenças e a importância de a elas serem atribuídos nomes que facilitem a identificação entre as pessoas, os chamados *nomes populares*.

O segundo tópico, abordará o Nordeste brasileiro e a sua cultura linguística e tem como objetivo explicar a formação histórica, social e linguística da região e as diversas influências culturais que recebeu, o que acabou por criar uma linguagem de enorme riqueza. Ao final, serão apresentados no terceiro tópico, os exemplos comentados de nomes e doenças do nordeste brasileiro, em que serão discutidos determinados termos regionais, a sua formação e suas relações com os nomes científicos da doença.

Com isso, espera-se atingir o objetivo proposto apresentando, por meio de um estudo de nomes regionais de doenças, a importância dos nomes populares, e da forma como são utilizados, ressaltando a necessidade de registro dessa riqueza cultural, para que esses traços únicos não se percam frente à modernidade e globalização impostos sobre as pessoas e demonstrando que, longe de se constituírem como defeitos da fala regional, esse léxico regional é parte fundamental de sua riqueza e identidade.

## **2 Variação Linguística e Linguagem Regional**

As variações linguísticas representam as diferenças no falar de um língua em função de fatores socioculturais e geográficos. De acordo com Fiorin (2007), fazer referência a uma elemento por mais de um termo linguístico é uma das formas de demonstrar que, de fato, as línguas variam. Para o autor, existem três tipos de variantes linguísticas que devem ser consideradas: as diatópicas, referentes às variantes regionais, as diastráticas, que abrangem as variantes de uso de diferentes grupos falantes e as diafásicas, que tratam sobre as variações de uso formal ou informal da língua. E é, sob essa ótica, que o presente estudo pretende abordar as variações nos termos da língua portuguesa no âmbito da linguagem de especialidade, como é o caso das doenças, cujos nomes tendem a sofrer diferenças de acordo com as regiões.

Sob essa ótica, o regionalismo percebido na terminologia da doença deve ser entendido como um fator que torna o falar regional singular e agrupa sujeitos pertencentes a uma mesma região, englobando as lutas, costumes, cultura e modo de falar desse povo. Para compreender as variações, a Sociolinguística e a Dialetoлогия são áreas de estudo importantes, visto que estudam as relações entre a língua e a sociedade e entre a língua e o espaço geográfico,



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



respectivamente, reconhecendo a heterogeneidade linguística presente (Silva; Murakawa, 2020). De uma forma mais precisa, Braga e Mollica (2003) definem a sociolinguística como:

uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (Braga; Mollica, 2003, p. 9).

Com isso, é possível verificar que para Sociolinguística é possível falar “a mesma coisa”, porém de forma distinta, sem que haja prejuízo à mensagem que está sendo transmitida (Domingos; Guimarães, 2021). Para Lima e Vieira (2017) as diferentes formas de falar da Língua Portuguesa podem ser consideradas uma forma de enriquecimento dos aspectos culturais, fazendo parte de uma contextualização das influências históricas e regionais do país.

## **2.1 O processo de nomeação**

De acordo com Aragão (2020) a elaboração de dicionários, glossários ou vocabulários regionais – como proposto nesse estudo – não é uma tarefa simples, visto que o próprio sentido do que é regional e popular gera divergências entre os especialistas. Assim que o nome e terminologia das coisas advém da junção da visão de mundo, crenças e ideologias transmitidas entre gerações pela língua, seja ela escrita ou falada, fazendo com que essas variações tragam marcas sociais e culturais de uma região e um determinado período histórico.

O ato de atribuir nomes às coisas é uma das formas mais comuns de proceder a registros culturais e, esse processo ocorre, muitas vezes, de forma metafórica (Ferrarezi Jr., 2012). Segundo o autor:

Grande parte das metáforas presentes em uma língua se concretiza nos nomes atribuídos pela língua aos diversos referentes que representam. Trata-se de palavras comuns, de uso diário, de nomes de coisas do dia a dia, de pessoas ou nomes na forma de alcunha atribuídos a esses referentes (Ferrarezi JR, 2012, p. 72).



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



## 2.2 Nomes das doenças

Os nomes das doenças acompanham as evoluções observadas na área da saúde e, na forma do léxico, os termos técnicos que as descrevem são formados por prefixos e sufixos de origem no grego ou no latim (Pinto et al., 2017). Já há algum tempo, cabe à Organização Mundial de Saúde a classificação, a nomenclatura e a codificação das doenças conhecidas no mundo. Toda essa informação fica compilada em um documento chamado Classificação Internacional de Doenças – CID. Em 2022, a última versão da CID foi lançada, agora em novo formato. Segundo a OPAS<sup>3</sup> (Organização Pan-Americana de Saúde),

A CID-11 fornece uma linguagem comum que permite aos profissionais de saúde compartilhar informações padronizadas em todo o mundo. É a base para identificar tendências e estatísticas de saúde em todo o mundo, contendo cerca de 17 mil códigos únicos para lesões, doenças e causas de morte, sustentados por mais de 120 mil termos codificáveis. Usando combinações de códigos, mais de 1,6 milhão de situações clínicas podem agora ser codificadas.

Comparada com as versões anteriores, a CID-11 é totalmente digital, tem um novo formato e recursos multilíngues que reduzem a chance de erro. A Classificação foi compilada e atualizada com informações de mais de 90 países e envolvimento sem precedentes de prestadores de serviços de saúde, permitindo a evolução de um sistema imposto aos médicos para um banco de dados de classificação clínica e terminologia verdadeiramente capacitador, que atende a uma ampla gama de usos para registrar e relatar estatísticas na saúde.

Como forma padronizada de classificação e nomeação de doenças, porém, a CID funciona mais ou menos como uma taxonomia de Lineu, em que os nomes científicos e padronizados são a prioridade e em que os nomes populares praticamente inexistem. Muitas vezes, inclusive, alguns profissionais médicos sequer citam o nome da doença nos documentos, mas apontam apenas o código CID, o que, obviamente, deixa a quase totalidade dos pacientes em absoluta ignorância em relação aos seus problemas de saúde.

Felizmente, uma nova geração de profissionais médicos parece estar despertando para a necessidade de um relacionamento mais respeitoso para com as culturas locais. Embora sejam pouquíssimos, já se observam casos em que, na comunicação entre os profissionais e os pacientes, têm dado espaço a terminologias populares que correspondem, entre outros, às especificidades da comunidade, estrato social e faixa etária desse grupo.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/11-2-2022-versao-final-da-nova-classificacao-internacional-doencas-da-oms-cid-11-e>. Acesso em 14 de maio, 2024.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



### **3 O Nordeste brasileiro e a sua cultura linguística**

A região nordeste do Brasil possui uma área de 1.561.177,8 km<sup>2</sup>, o equivalente a aproximadamente 18,26% do território brasileiro (Lima, 2011), sendo a região que possui a maior costa litorânea do país. É uma área maior do que a da maioria dos países do mundo. O censo de 2022 indicou que existem cerca de 54.644.582 habitantes, considerando todos os estados nordestinos (IBGE, 2022) e essa população é composta majoritariamente por mulatos, caboclos e cafuzos, povos resultantes da miscigenação das três principais etnias que fizeram parte da história do Brasil: os índios, os africanos e os portugueses.

Ao longo de sua história, o Nordeste sofreu influência de um grande número de línguas. Primeiramente, ocupado por diversas etnias indígenas, após a ocupação portuguesa, o litoral nordestino foi dominado pela chamada língua geral, de imposição jesuítica. Além dela, houve ocupações francesa, holandesa, inglesa e, obviamente, portuguesa. Como recebeu enorme quantidade de escravos africanos, o Nordeste também sofreu fortíssima influência das línguas originárias dos escravos, especialmente as línguas das famílias banto, kwa, iorubá e ewe-fon.

Mais tarde, no período da primeira e da segunda Grandes Guerras, o Nordeste serviu a diversas bases militares norte-americanas, também causando impacto o inglês desses soldados. Enfim, com toda essa riqueza de substratos, não é de admirar que a linguagem do Nordeste seja riquíssima e que seu vocabulário peculiar, especialmente em relação às coisas do dia a dia, seja muito numeroso.

Este é exatamente o caso das doenças: algo que nos acompanha no cotidiano. Mas, neste caso, devemos acrescentar a crítica situação de pobreza da maior parte do Nordeste, que afastou essas pessoas da medicina “científica” até muito recentemente. Sempre foi comum, na região, a existência de curandeiros, benzedores, feiticeiros, ervateiros, garrafeiros e outros tantos tipos de pessoas que prometiam cura aos doentes, com seus remédios tradicionais (como garrafadas de ervas ou de partes de animais, como cabeças de cobra ou pênis de boto, por exemplo), utilizando nomes regionais e/ou locais para as doenças e seus tratamentos. Essa condição peculiar multiplicou a quantidade de nomes típicos para as doenças em toda a região.

Destaca-se que, nos últimos anos, tem surgido um interesse por estudos dialetais e sociolinguísticos, principalmente quanto à publicação de dicionários, vocabulários e glossários



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



compostos por falares regionais nordestinos, como forma de registro e preservação de toda essa riqueza cultural.

#### 4 Exemplos comentados de nomes de doenças do Nordeste brasileiro

Segundo Carvalho (2021) “a medicina popular é definida como uma ciência informal (Araújo, 1981)”. Camargo (2014) complementa:

Esta medicina também pode ser definida como um conjunto de conhecimentos, fundamentados em experiências, ideias acumuladas e valores passados pelo coletivo mediante o contexto sociocultural em que cada indivíduo se insere, a sua prática é transmitida predominantemente pelo meio oral. Essa medicina, desde os seus primeiros traços, apresenta o predomínio de elementos religiosos. A religiosidade presente na medicina popular alimenta no homem a crença em poderes sobrenaturais, principalmente na hora de preparar os remédios e na admissão de sua eficácia.”

Assim, ao estudarmos os nomes usados na medicina popular nordestina, adentramos um mundo de empirismo, mas também de religiosidade e misticismo.

Para o desenvolvimento deste tópico, utilizamos de um vídeo<sup>4</sup> disponibilizado de forma *online* e gratuita, em que se observa, durante uma propaganda de farmácia localizada no Nordeste, o uso de termos regionais para determinadas doenças. Nota-se que o uso dessas terminologias adotadas pelo público em geral para divulgação de remédios facilita a compreensão, visto que, em uma comunidade, comumente opta-se pelo uso da língua popular ao invés do uso técnico da linguagem.

No vídeo, são listadas mais de 100 comorbidades (Adendo I). No entanto, algumas delas não são consideradas doenças propriamente ditas e, dessas, foram selecionadas dez para que pudéssemos fazer uma análise da relação entre seu nome popular e a comorbidade propriamente dita. A tabela 1 apresenta os termos populares escolhidos e o seu equivalente na linguagem técnica.

---

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=tlOTvsnLkf8>



Tabela 1. Equivalência entre os termos populares e técnicos

Linguagem Popular	Termos técnicos
Espinhela caída	Lumbago (anomalia no apêndice xifóide)
Dor de veado	Dor no baço
Curuba	Escabiose humana
Impinge	Micose ( <i>Tinea corporis</i> )
Cavalo de Crista	Condiloma acuminado (HPV)
Pilora	Desmaio
Campainha caída	Uvulite
Bico de papagaio	Osteofitose
Água nas junta	Sinovite
Papeira	Caxumba

Fonte: Autora (2024).

Analisando individualmente os nomes populares das doenças citadas na tabela 1, nota-se que todos são *descritivos*, criados em função de algum sintoma visível ou característico da doença. A “Espinhela caída”, por exemplo, caracterizada por ser uma forte dor no peito que faz com que o processo xifoide relaxe ou se curve e, assim, a coluna cervical da pessoa cede e esta parece estar caída. Quando se observa esse deslocamento do osso do meio do tórax, diz-se que a “espinhela (a coluna cervical junto com as costelas) está caída”, dando origem ao nome popular da doença.

A “dor de veado”, por sua vez, também conhecida como “dor lateral”, é uma dor no baço, sendo uma espécie de forte câimbra no abdômen, que causa o reflexo de o indivíduo colocar a mão na altura do baço e pressionar, como forma de aliviar o incômodo. Essa pose resultante da mão na cintura é associada popularmente aos homossexuais e daí a origem da expressão “dor de veado”.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Figura 1 - "Dor de veado" ou dor no baço<sup>5</sup>



Outra doença bastante comum é a “curuba”, cujo termo é sinônimo de coceira em algumas regiões do país. Como um dos sintomas principais da escabiose é a coceira, usa-se o termo “curuba” para se referir à doença e a outras formas graves de coceira. Ressalta-se que em algumas regiões como no Maranhão, utiliza-se o termo para descrever feridas ou ferimentos na pele. Um processo semelhante ocorre com a palavra “impinge”. O termo derivado do latim “impetere” significa atacar ou invadir. Nesse caso, utiliza-se a denominação de “impinge”, pois o fungo invade a camada superficial da pele, causando inflamação e outros sintomas. Desse modo, o termo “impinge”, para se referir às infecções fúngicas da pele, pode ter raízes na observação dos sintomas dessas infecções, como coceira e erupções cutâneas que podem parecer ter invadido ou atacado a pele.

Figura 2 - Impinge<sup>6</sup>



<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/05/21/conheca-as-causas-e-como-evitar-a-dor-na-lateral-da-barriga-ao-correr.htm>. Acesso em 06 jun. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://drapamelaa.com.br/tratamento-para-micose>. Acesso em 07 jun. 2024.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Já o “cavalo de crista”, também chamado de “galo de crista” recebe esse nome pois os condilomas acuminados, conhecidos por verruga vaginal, são pequenas protuberâncias, cuja aparência é irregular e semelhante a uma crista de galinha, deixando a pele ao redor inflamada, dando a impressão da crina que se estende pelo pescoço do cavalo. Portanto, trata-se de uma maneira figurativa de descrever visualmente as características das verrugas genitais, ou do condiloma acuminado.

Outra terminologia que também recebe o nome devido à sua aparência é a “campainha caída”, utilizada para descrever a uvulite, um sintoma de inflamação na região da garganta que, comumente, é chamada de “campainha”. Quando a úvula sofre o processo inflamatório, seu formato passa de cônico para alongado, dando impressão de estar caída ou derrubada. Daí a origem da expressão popular “campainha caída”, para descrever a uvulite.

A “pilora” é também um nome popular para cachaça e teve seu nome associado aos desmaios, pois quando o sujeito bebe exageradamente, ele perde os sentidos e desmaia. Assim, por analogia, diz-se que quando desmaia, o indivíduo teve uma “pilora” ou, metaforicamente, está bêbado a ponto de não se manter de pé.

Figura 3 - “Pilora” ou “desmaio”<sup>7</sup>.



---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.drcaiocardiologia.com.br/sintomas/desmaio>. Acesso em 06 jun. 2024.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



O “bico de papagaio”, sob a mesma ótica, surge de uma analogia visual, visto que nos casos de osteofitose (nome técnico da doença), ocorre o crescimento de ossos ao redor de uma articulação. Essas protuberâncias ósseas se assemelham ao formato de um bico de papagaio, surgindo, portanto, o nome popular da doença.

A “água nas juntas”, termo cunhado em todo o país, mas preferencialmente utilizado na região nordeste, se refere à sinovite, uma inflamação da membrana sinovial (tecido que reveste a parte interna das articulações e produz o líquido sinovial). Quando ocorre um trauma na articulação, como uma queda ou acidente, ou devido a alguma doença crônica como a artrite reumatoide, lúpus ou gota, pode ocorrer a sinovite. Nesses casos o que se observa é uma formação demasiada do líquido sinovial, devido à inflamação e o inchaço pode ser comparado à sensação de ter “água” acumulada nas articulações (popularmente conhecidas como juntas), daí o nome “água nas juntas”.

Figura 4 - "água nas juntas" ou sinovite<sup>8</sup>



Por fim, cita-se ainda, da tabela 1, a “papeira”, a qual se refere à caxumba, uma doença viral que se caracteriza pelo aumento de volume de uma ou mais glândulas salivares (parótida, sublinguais ou submandibulares). O termo papeira se refere ao inchaço característico do rosto, que pode ser uni ou bilateral, consequente da inflamação das glândulas salivares localizadas abaixo e na frente das orelhas, dando a impressão de que as bochechas estão inchadas ou empapadas. Como, na caxumba, se observa o aumento de volume nessa área, a doença ficou popularmente conhecida como papeira.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.brightmed.com.br/blog/sinovite>. Acesso em 06 jun. 2024.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Figura 5 - “Papeira” ou caxumba <sup>9</sup>



Como pudemos ver, fica evidenciado que os termos populares são difundidos especialmente pela sua associação aos aspectos fenomenológicos e sinais físicos da doença, favorecendo a comunicação entre os sujeitos com a sua cultura e a própria identificação da doença. Por isso, cremos que seria importante que o profissional da saúde estivesse alinhado a esses termos para diminuir as interferências na comunicação entre a equipe de atendimento médico e os pacientes (Pinto et al., 2020).

Xavier (2011) ressalta a importância do léxico e indica que ele preserva a visão de mundo de uma comunidade específica e, por essa razão, possui caráter sociocultural e histórico, corroborando com as análises realizadas no presente estudo, em que se observa que o uso dos nomes populares se aproxima da cultura nordestina, sendo utilizados termos sinônimos e/ou análogos aos técnicos, porém que fazem mais sentido para a população que os utiliza.

## **5 Considerações Finais**

A partir da pesquisa, foi possível analisar os termos e expressões populares do Nordeste brasileiro relacionados às doenças, sendo demonstrado que há sempre uma analogia entre os sintomas e ou aspectos fenomenológicos presentes no corpo e os nomes adotados popularmente.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://bravacinas.com.br/blog/alerta-caxumba-voce-esta-vacinado>. Acesso em 06 jun. 2024.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Estudos como este difundem as questões de variações linguísticas, reduzindo o preconceito linguístico e facilitando a compreensão da formação de uma língua natural. Além disso, se conhecidos e compreendidos, podem estimular uma melhor comunicação entre os médicos e pacientes, especialmente nos postos de atendimento na saúde pública.

Nesse sentido, cremos que seria importante recomendar que tal vocabulário seja inserido nos sistemas de informação das unidades de saúde, para que possa ser consultado durante o atendimento, tornando a comunicação entre as partes mais eficaz.

Por fim, mas não de menor importância, ressaltamos a importância do léxico para a construção da visão de mundo das pessoas e como depósito sócio-histórico de cultura de uma sociedade.

## Referências

ARAGÃO, M.S.S. Falares Nordestinos: Aspectos socioculturais. **Acta Semiotica et Linguística**, v.25, n.1, p. 67-87, 2020.

ARAÚJO, I. S. A **Medicina Popular**: Mitos e Tabus. Revista Brasileira de Anestesiologia, v. 31, n. 3, p. 257-260, 1981.

BRAGA, M.L. (Org.); MOLLICA, M.C. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

CAMARGO, M.T.L.A. As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas. **Revista Nures**, v.1, n.26, p. 1-16, 2014.

CARVALHO, T.M. **Medicina popular do nordeste: uma visão sobre o papel das plantas no tratamento de enfermidades**. 63p. 2021. Monografia (graduação) – Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2021.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



DOMINGOS, J.; GUIMARÃES, E.S. Variação linguística e a representação da identidade nordestina pela linguagem. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p. 108493-108510, 2021.

FERRAREZI Jr., C. Metáfora e função de registro: a visão de mundo do falante e suas interferências nas línguas naturais. **Linha D'Água**, v. 25, n.1, p. 67-86, 2012.

FIORIN, J.L. (Org.). **Introdução à Linguística**. 5. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2007.

LINMA, J.A.S. Os topônimos dos estados Nordestinos brasileiros. **Cadernos do CNLF**, v. 15, n.5, 2011.

LIMA, V.V.; VIEIRA, W.N. Variação linguística: a caracterização da identidade linguística cultural nordestina nos poemas “o nó da sabedoria” e “uma paixão pra santinha” de Jessier Quirino. **Revista Científica da Facsete**, p. 35-50, 2017.

PINTO, V.B. *et al.* O léxico das comunidades indígenas do Ceará na designação de doenças: reflexões para a construção de vocabulário controlado. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, n.2, p. 171-193, 2020.

PINTO, V.B. *et al.* O uso de vocabulário de nomes populares de doenças como ferramenta de representação da saúde. **Perspectivas de investigação em representação e organização do conhecimento: Atualidade e tendências**, p. 617-627, 2017.

SILVA, C.D.; MURAKAWA, C.A.A. Unidades lexicais que designam enfermidades cutâneas: um estudo metalexigráfico da variação em perspectiva histórica. **Revista Moara**, n.5, p. 190-208, 2020.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



SOUSA, J.L.; LIMA, L.N.M. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 72, p. 63-82, 2019.

XAVIER, V.R.D. Conexões léxico-culturais em manuscritos setecentistas. **ReVEL**. [S.l], v. 9, n. 17, 2011



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



## ADENDO 1

### O estudo dos regionalismos: nomes de males da saúde no Nordeste<sup>10</sup>

- Antójo
- Espinhela caída
- Dor nos quarto
- Pé desmentido
- Véio enxirido
- Menino preguiçoso
- Moleira mole
- Quebrante
- Tosse de cachorro brabo
- Farnizim
- Apensamento
- Passamento
- Frieira
- Cobreiro
- Lombriga
- Pereba
- Curuba
- Remela no zói
- Gastura
- Dor no pé da barriga
- Dor de viado
- Bode
- Côi
- Suvaquera
- Impinge
- Pilôra
- Menino esfameado
- Pano Branco
- Chânia
- Cavalo de crista
- Bicheira
- Alôjo
- Bicho de pé
- Embaixamento
- Fastio

---

<sup>10</sup> Termos retirados do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=tIOTvsnlKf8> .



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



- Dor no espinhaço
- Usso Quebrado
- Dentiqueiro
- Calo seco
- Unha fofa
- Pé inchado
- Muco remoso
- Mucum
- Verruga
- Deticouro
- Corro muído
- Lambra inchada
- Difluxo
- Corno inflamado
- Moco
- Pá quebrada
- Zovido tampado
- Dor no osso de mucumbu
- Caduquice
- Inchimento
- Vista cansada
- Quarto arriado
- Papeira
- Doença dos nervo
- Ombro dismintido
- Queima no estrombo
- Juízo virado
- Juízo fraco
- Brevião no corpo
- Gordura nos figo
- Campainha caída
- Esmorecimento do corpo
- Pinto frôxo
- Escurecimento de vista
- Pisga enfraquecida
- Vento caído
- Fracura dos nervo
- Esporão de galo
- Bico de papagaio
- Dor nas costa
- Dirresponto nas perna



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**Universidade Federal de Alfenas / UNIFAL-MG**  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas - MG  
CEP 37130-000  
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



- Dor nas cruz
- Dor nos grugumi
- Mau jeito no espinhaço
- Intago
- Dor nas cadeira
- Ruçara
- Dor nas junta
- Feiúra
- Íngua
- Pé do ventre
- Esquecimento
- Carne criada
- Nervo torto
- Dor no mucumbu
- Solitária
- Lambeira
- Trissa
- Lundu
- Nó nas tripa
- Dor da gota serena
- Papeira
- Algueiro
- Estalecido
- Gogo
- Unheiro
- Boqueira
- Calombo
- Dormência na banda do corpo
- Ovo gouro
- Murrinha
- Ovo virado
- Cansaço no coração
- Jeolho desmantelado
- Zóio virado
- Vazamento
- Água nas junta
- Resguardo entupido
- Mufumba
- Veia quebrada
- Chamboque do joeio arrancado
- Liseu